

**DO NÃO LUGAR AO LUGAR:
DESLOCAMENTOS E IDENTIDADE EM *COMBI*,
DE ÁNGELA PRADELLI**

Renata Flávia Marcolino de Souza (UERJ)

renataflaviam@gmail.com

Ana Cristina dos Santos (UERJ)

anacrissuerj@gmail.com

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar a obra *Combi* (2007) da escritora argentina Ángela Pradelli, identificando aspectos de deslocamento interno e externo, questões identitárias a partir da ideia de espaço: a construção de um espaço e a desconstrução de um não lugar. O romance enfoca um meio de transporte, a Kombi, espaço compartilhado entre quinze personagens que comungam para o objetivo de chegarem aos seus destinos. A narrativa também é constantemente marcada pela tensão de uma manifestação em um local determinante do itinerário, ponto de destaque neste trabalho. A reflexão levantada aborda a mudança de identidade gerada a partir dos deslocamentos rotineiros e internacionais, através da ruptura de um não lugar. Para tal análise, utilizam-se os textos de Bauman (1999, 2001) para as noções de espaço; Marc Augé (2007) sobre as relações de não lugar e identidade; Braidotti (2002) e Toro (2010) para o conceito de deslocamento e Hall (2005) para as questões de identidade.

Palavras-chave: Deslocamento. Não lugar. Identidade.

1. Introdução

Deslocar-se de um lugar a outro é inerente ao ser humano desde os primórdios da civilização. Contudo, os deslocamentos transformaram-se na nova condição da humanidade e parecem caracterizar o momento atual das sociedades pós-modernas contemporâneas, denominado de globalização. A Pós-modernidade impulsionou a mobilização de deslocamentos de natureza diversa, modificando assim, cenários, sociedades e identidades. Nessa fase, o fenômeno da globalização da economia pro-

porcionou a integração entre as nações, entre o advindo das novas tecnologias ao cotidiano social, mas, por outro lado, agiu desintegrando conceitos rígidos de tempo e espaço. A necessidade de um determinado tempo para fazer algo ou chegar a algum lugar transformou-se em uma “instantaneidade”, modificando a dependência tempo-espaço.

Essa alteração ocorreu, principalmente, por efeito do progresso nos meios de transporte. Esses são a base para os deslocamentos de natureza física, causando a aceleração da velocidade e, conseqüentemente, o encurtamento de distâncias: “o tempo se tornou um fator independente das dimensões inertes e imutáveis das massas de terra e dos mares” (BAUMAN, 2001, p. 130). Com isso, intensificaram-se os fluxos de informação e de pessoas, colocando todos em contato com todos, e principalmente com diferentes maneiras de viver, pensar e sentir a vida, nos quais ocorrem o entrelaçar cada vez mais intenso de diferentes culturas. Por isto, a Pós-modernidade caracteriza-se pelo seu pluralismo cultural.

Os constantes deslocamentos transformam os espaços – de chegada e de partida – em uma rede de complexas relações socioculturais. Ocorre assim, a formulação de uma nova cultura - que retém aspectos da cultura de origem e daquela em que se habita no determinado momento. Sair de seu local de origem e estar ou morar em outro lugar, outra nação, constitui a possibilidade de uma transformação subjetiva no indivíduo. Estar em contato com uma cultura diferente não é simplesmente apreender as estruturas religiosas, sociais e costumeiras ou mesmo, substituir sua cultura de origem, segundo Toro (2010, p. 11), é a criação de uma nova, a chamada terceira cultura: “*No se trata de una tercera cultura que surja del encuentro de una o más culturas, como Bhabha ha correctamente indicado*” (BHABHA, 1990, p. 211), “*sino más bien la producción cultural simultánea que se interrelaciona en ese continuo contacto entre culturas*”. Identificar o ponto de origem dessa nova cultura torna-se impossível porque trata simplesmente da mescla de contatos entre uma identidade nacional original e uma nova referência identitária cultural. Desse modo, os deslocamentos contemporâneos desestabilizam o conceito de homogeneidade e unicidade geográfica pela confluência constante entre as culturas.

A reflexão acerca da relação entre a pós-modernidade, os meios de transporte e a desestabilização dos conceitos de sociedade e cultura localmente enraizadas também foi expressa pelo teórico Zygmunt Bauman (1999, p. 20):

A história moderna foi marcada pelo progresso constante dos meios de transporte. Os transportes e as viagens foram campos de mudança particularmente rápida e radical; como Schumpeter assinalou há muito tempo, o progresso aí não resultou apenas da multiplicação do número de diligências, mas da invenção e produção em massa de meios de transporte inteiramente novos — trens, automóveis e aviões. Foi antes de mais nada a disponibilidade de meios de viagem rápidos que desencadeou o processo tipicamente moderno de erosão e solapamento das “totalidades” sociais e culturais localmente arraigadas; foi o processo captado pela primeira vez na famosa fórmula de Tönnies sobre a modernidade como a passagem da *Gemeinschaft* [comunidade] para a *Gesellschaft* [associação].

Para o teórico, os transportes e as viagens, ao permitirem os contatos interculturais, trouxeram em si a desestabilização do conceito de nação e de cultura totalizadora. Desse modo, a cultura do deslocamento constrói ou modifica os costumes de uma nação e logo, de um indivíduo, independente da identidade cultural existente no território ao qual pertence. Nessa cultura, o sujeito se vê em um processo de transição, movimenta-se pelos lugares e pelos não lugares, muitas vezes sem o objetivo de interagir nem com o espaço e nem com o outro. Nesses lugares é exposto a uma nova cultura capaz de reestruturar sua própria identidade cultural e, por conseguinte, sua subjetividade.

A partir dessa reflexão, insere-se o romance *Combi* (2007), da escritora e docente argentina Ángela Pradelli, que ora analisamos. Na obra, o deslocamento ocorre por meio de uma Kombi. Esse meio de transporte, utilizado pela própria autora em sua vida cotidiana, circula rotineiramente pelos espaços urbanos e cosmopolitas da cidade de Buenos Aires e transporta diferentes indivíduos com diferentes histórias, discursos e culturas. No romance, a Kombi torna-se o espaço compartilhado pelos quinze passageiros que iniciam sua trajetória de deslocamento rotineiro a partir da cidade de Adrogué, na província de Buenos Aires e comungam para o objetivo de chegarem à parada final, a cidade de Buenos Aires, capital.

No interior da Kombi, entre os quinze passageiros há um grupo de cidadãos desenraizados, como o polonês Jose W., a japonesa Megumí Tan San, Pina Levy que migrou para Israel, mas voltou para a Argentina e a peruana América Lévano. Esses sujeitos que se moveram através das fronteiras internacionais, carregam em sua história a marca de outra pátria natal. Foram obrigados a negociar com as culturas dos países de destino, sem perderem completamente suas identidades. Eles levam dentro de si os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcados e, portanto, são portadores de

identidades móveis, híbridas e traduzidas³⁶. Nesse espaço da Kombi, no qual ocorre o diálogo constante entre os deslocamentos rotineiros, os internacionais e a subjetividades, situa-se o romance de Ângela Pradelli, cuja análise em nosso trabalho objetiva analisar os deslocamentos externo e interno e suas contribuições para a reconfiguração da identidade do sujeito contemporâneo, a partir da ideia de deslocamento; da construção de um espaço e da desconstrução de um não lugar.

2. *Kombi: o não lugar*

Os lugares transitórios surgidos por meio da reconfiguração dos espaços na supermodernidade³⁷ foram conceituados por Marc Augé (2007, p. 73) como não lugares: “... um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá o não lugar”. Na pós-modernidade, o fluxo de informação passou a operar com uma grande velocidade, o que acelerou a forma como as relações sociais se estabeleciam. Assim também, de forma acelerada, mobilizaram-se os deslocamentos territoriais, seja migrando ou emigrando e essas transformações refletiram no modo como os espaços influenciaram a identidade do indivíduo. Em sua definição, Marc Augé caracteriza os não lugares como espaços incapazes de estruturar a identidade, pois a partir das transformações estruturais, eles foram perdendo seu caráter histórico, relacional e identitário para tornarem-se apenas um lugar de passagem.

Os não lugares ganham cada vez espaço nas urbes contemporâneas, são os espaços públicos nos quais os seus habitantes paulatinamente migram para eles. Nos não lugares, o sujeito está só, ainda que esteja rodeado de vários outros. São espaços que “criam tensão solitária” (AUGÉ, 2007, p. 87) e não induzem nem a relação nem a interação, pois o sujeito tem sua conduta em público limitada por um número reduzido de regras simples e de fácil aprendizagem que ele deve seguir, como nos esclarece Bauman (2001, p. 111):

Os não lugares [...] desalentam qualquer ideia de “permanência”, impossibilitando a colonização ou domesticação do espaço. [...] os não lugares aceitam a inevitabilidade de uma permanência prolongada de estranhos, de modo que esses lugares permitem a presença “meramente física” – ainda que diferenciando-a muito pouco da ausência de seus “passageiros”, já que anulam, nivelam ou esvaziam-se de toda subjetividade idiossincrática. Os

³⁶ Conforme o conceito de tradução desenvolvido por Stuart Hall (2005, p. 87-9).

³⁷ Marc Augé denomina supermodernidade o que estamos caracterizando, em nosso trabalho, como Pós-modernidade.

residentes temporários dos não lugares variam, e cada variedade tem seus próprios hábitos e expectativas: o truque consiste em transformá-los em irrelevantes durante o tempo de sua estada.

Os não lugares estão cada vez mais presentes nos espaços das cidades cosmopolitas. Fazem parte dessa categoria os aeroportos, as salas de esperas, as vias rodoviárias, os meios de transporte etc. No romance analisado, a narrativa situa-se no espaço urbano e social da cidade cosmopolita de Buenos Aires. Porém, não um espaço qualquer, mas especificamente em um meio de transporte público, caracterizado como um não lugar, a Kombi. Segundo Bauman (2001, p. 112), os espaços públicos são lugares que as pessoas compartilham apenas como pessoas públicas - ou seja, nesses espaços, o indivíduo pode interagir socialmente sem que seja obrigado a "... retirar a máscara, soltar-se, expressar-se, confessar seus sentimentos, sonhos ou preocupações mais profundos". Enfim, nos espaços públicos as pessoas não interagem nem com o espaço e nem entre si. Nesses lugares, elas não precisam ser e, portanto, não demonstram subjetividades.

Nas cidades contemporâneas cada vez há mais lugares que recebem o nome de espaços públicos. São os espaços de aglomeração de pessoas de diversas procedências que, em maior ou menor escala, não estimulam a permanência, pois são lugares de passagem. Ainda segundo Bauman (2001, p. 112-114), podem ser classificados nas categorias de civis e não civis. O espaço civil é aquele onde as pessoas podem compartilhar e interagir como pessoas públicas; mas sem ser possível a iniciativa individual. O segundo, o espaço público não civil, divide-se em duas categorias: os que não estimulam a permanência e os que estão destinados a prestar serviços aos consumidores. Neles não se mantém nenhum tipo de interação social, pois "são espaços que instam à ação e não à interação" (BAUMAN, 2001, p. 114).

A escolha dos espaços urbanos e sociais públicos como lugares de ação da narrativa - a Kombi - não nos parece casual, já que eles simbolizam os espaços de movência, em que o encontro com o diferente, com o outro é inevitável. Dessa forma, a autora Ángela Pradelli nos apresenta a Kombi, o não lugar, na qual 15 passageiros compartilham o mesmo espaço físico para deslocarem-se de Adrogué a capital Buenos Aires. Por determinado momento, esse espaço retém aqueles que por ali passam, mas não exerce influência sobre a sua subjetividade. Não é o objetivo de cada indivíduo permanecer lá, mas somente passar para chegar ao seu fim. Nesse espaço, os personagens não são, necessariamente, obrigados a inte-

ragirem, sustentando assim a cultura supermoderna: “*En la barrera de Témperley subió Nacho. No contestó el saludo a Estebán ni miro a ninguno de los pasajeros y se sentó en el último asiento individual después de sacarse el polar...*” (PRADELLI, 2007, p. 143).

3. *A viagem: deslocamentos internos e externos*

O trajeto de Adrogué a Buenos Aires percorrido pela Kombi, segue um itinerário com diversos pontos em que o transporte realiza paradas para a subida de passageiros. A rota realizada diariamente está exposta no primeiro capítulo da narrativa:

Hacia ya tres años que Esteban era chofer en una agencia de transporte de pasajeros y manejaba una combi de quince asientos que hacía el recorrido entre Adrogué y Buenos Aires de ida y vuelta varias veces por día. Hacía el primer viaje a las nueve en punto, salía de la parada de la plaza San Martín de Adrogué y recorría Hipólito, Irigoyen, atravesando Tundera, Témperley, Lomas de Zamora, Banfield, Remedios de Escalada, Lanús, Gerli, Avellaneda y después de cruzar el puente Pueyrredón, entraba en Buenos Aires y terminaba el recorrido en el Teatro Colón. (PRADELLI, 2007, p. 16).

A cada capítulo, a narrativa expõe um determinado ponto dessas cidades para o embarque de um passageiro na Kombi. Esse ponto é para o passageiro que ali espera pela chegada do transporte apenas o lugar de origem do seu trajeto, enquanto que para os outros passageiros que já estão na Kombi, somente faz parte do itinerário, do roteiro da viagem, torna-se um mero nome, pois o vínculo desses indivíduos com esses lugares é meramente o de passagem. Essas cidades não são nem mesmo atração visual ou paisagens contemplativas ao passageiro que passa rotineiramente por elas, tornam-se apenas nome, palavras que nada significam e, assim, transformam-se em não lugares:

Todo itinerário, precisa Michel de Certeau, é de certo modo “desviado” pelos nomes que lhe dão “sentidos (ou direções) até aí imprevisíveis”. E acrescenta: “Esses nomes criam o não lugar nos lugares; eles os transformam em passagens” (AUGÉ, 2007, p. 156).

A formação desses não lugares ocorre como reflexo da característica pós-moderna da facilidade do deslocamento, pois a velocidade acelerada adquirida pelos meios de transporte permite ir e vir a um destino em um mesmo dia, tornando os espaços pelos quais se passam, imagens rotineiras. A individualidade na qual o passageiro preocupa-se apenas em chegar ao seu destino sem exprimir relações com os pontos determinados pelo itinerário e nem mesmo com aqueles que estão na Kombi também é

uma característica pós-moderna presente em toda narrativa: “*Da lo mismo, - dijo Nino - Lo que yo quiero es llegar*” (PRADELLI, 2007, p. 107).

A cada aparição de um novo passageiro, sua essência subjetiva, sua identidade e sua história de vida são exibidas para o leitor, mas ocultas aos outros passageiros da Kombi. Desse modo, o deslocamento externo da Kombi possibilita que haja em cada passageiro um deslocamento interno, pois durante o percurso de Adrogué a Buenos Aires cada um pensa em um determinado momento de sua vida (relatado para o leitor) no qual ocorreu uma transformação para que fosse a pessoa que é nesse momento da viagem. A presente análise da obra de Ángela Pradelli (2007) dará destaque a essa relação interpessoal através da ideia do encontro de estranhos, definida por Bauman (2001, p. 111): “...Estranhos têm chance de se encontrar em sua condição, de estranhos, saindo como estranhos do encontro causal que termina de maneira tão abrupta quanto começou”.

Esse encontro não é esperado, não há expectativas para sua ocorrência ou um ensaio, ao contrário, no encontro de estranhos existe certo esforço para o distanciamento relacional e a comunicação, quando ocorre, paira sobre o nível superficial, limita-se a frases descomprometidas e sem peso identitário. Os laços sociais desse tempo fluido instruem o indivíduo a evitar o encontro ou quando não se pode, evitar um contato maior (BAUMAN, 2001, p. 122).

Na relação entre estranhos não existe um ponto a continuar, uma conversa a ser retomada porque esse encontro acontece e não se premedita, não se planeja, ocorre de forma breve e, por isso, acredita-se que foi criado um conjunto de regras sociais que sustenta essa distância do outro. Através de “máscaras”, protege-se a verdadeira identidade de um ser e o faz praticar, de forma segura, a essência do que o autor cita como “civilidade”. A prática individual da civilidade consiste em manter as relações sociais em um caráter padronizado e raso, diferindo das relações pessoais com amigos e familiares com os quais se tem afetividade e ligação. Dessa forma, pelo uso das “máscaras” ocorre o desenvolvimento do meio social urbano, protegendo assim as pessoas dos atritos sentimentais, morais, ideológicos etc.

Usar uma máscara é a essência da civilidade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam. A civilidade tem como objetivo proteger os outros de serem sobrecarregados com nosso peso. (BAUMAN, 2001, p. 112)

Na narrativa, é possível verificar a presença desses conceitos a partir da personagem América Lévano, mãe de Sonia. O leitor é apresentado a sua história e descobre que ela esteve presa por dois anos pelo assassinato do próprio marido que violentava sexualmente sua filha. Os outros passageiros não têm nenhuma ideia de que América teria vivido esse episódio: “*Solo creían más bien que América era callada. Y por supuesto nadie se imaginaba que había matado a su marido y había estado presa durante dos años*” (PRADELLI, 2007, p. 95). A prática da civilidade permite a personagem participar do espaço público sem expor sua história, criando um campo superficial de comunicação que protege sua identidade e aumenta a distância do outro. O romance expõe essa prática ainda através da personagem América:

Aunque era amable, América Lévano participaba poco de las conversaciones con los otros pasajeros. Siempre que podía se sentaba en el mismo asiento, el tercero al lado de la ventanilla, y durante todo el camino tejía crochet o miraba por la ventanilla. Sólo interrumpía el tejido o la observación de las calles para saludar a los que iban subiendo. Era un saludo cordial pero corto, a veces ni siquiera mencionaba una palabra y el saludo era sólo una sonrisa, un gesto apenas y enseguida volvía a mirar hacia afuera por la ventanilla o se ponía a tejer al crochet. (PRADELLI, 2007, p. 95)

Os não lugares não são incitadores da prática “civil”, porque estão isentos da emissão de identidades, das relações sociais e históricas tornando-se assim, invisíveis, lugares desapercibidos por seu mero significado de serem lugares de passagem, no qual o objetivo dos indivíduos que por eles passam não é o de se estabelecerem ali, mas seguirem para um destino final. Apesar disso, na narrativa da autora argentina, a Kombi é um não lugar que abre um pequeno campo para a marca civil. O passageiro permanece ali por um determinado tempo, embora não seja esse seu propósito, até a parada da Kombi em Buenos e se tem assim a oportunidade para a civilidade. Essa observação se revela na narrativa com a subida de América na Kombi: “*Cuando América subió a la combi saludó a Esteban y al resto de los pasajeros con una sonrisa y se sentó en un asiento doble, al lado de la ventanilla. Una vez arriba se tranquilizó; lo importante, pensó, era estar en viaje*”. (PRADELLI, 2007, p. 94)

O objetivo comum de cada passageiro é chegar ao ponto final do itinerário, como mostra a narrativa através de Esteban, o motorista da Kombi: “*Él [Esteban] conocía bien el comportamiento de los pasajeros, todos buscan llegar a destino como sea*” (PRADELLI, 2007, p. 105). O narrador também expõe o fato de muitas pessoas fazerem o caminho percorrido pela Kombi diariamente, viajando para Buenos a fim de trabalhar

ou estudar (PRADELLI, 2007, p. 81). Desse mesmo modo, os passageiros da Kombi esperam pela parada final do transporte, em que cada um deles seguirá para seu propósito pessoal, sendo na grande maioria um deslocamento realizado com o fim de chegarem ao local de trabalho.

Assim acontece com Leyla, uma mulher que escreve horóscopos para uma editora e seguia viagem a fim de chegar ao seu local de trabalho. Ela telefona para o seu chefe com a intenção de avisar sobre seu atraso e recebe como resposta a notícia de que deverá compensar o tempo de atraso, trabalhando após o término do expediente (PRADELLI, 2007, p. 117). Leyla tem vontade de exprimir palavras, mas não o faz “*porque no le gusta decir malas palabras delante de la gente*” (PRADELLI, 2007, p. 118). A Kombi não é o ambiente familiar em que se pode estar à vontade, ao contrário, é o não lugar que coíbe suas vontades e sentimentos.

Acontece também com outros passageiros como Olga, uma mulher que banha em domicílio pessoas que estão muito idosas ou doentes para realizarem essa atividade sozinhas; Paulina, uma jovem vendedora em uma loja de lençóis e toalhas; América que trabalha limpando casas; Megumí, a leitora voluntária para pessoas incapazes de ler; Ivo, um diretor de filmes pornográficos, que viajava para selecionar o elenco para algum de seus filmes. Todos almejavam chegar ao seu destino e dentro do horário, a fim de trabalhar. Existem também os passageiros cujo destino é uma consulta médica, como é o caso de Dorina; uma consulta terapêutica na qual Nacho ia uma vez por semana; a participação num grupo de autoajuda, no qual se inscreveu Dante e era acompanhado por sua esposa Rita. E o objetivo cheio de esperança de Josef, que ia uma vez por semana a Buenos Aires para procurar seu irmão perdido há anos.

Enquanto ocorre esse deslocamento externo por meio da Kombi, os personagens sofrem um deslocamento interno que lhes proporciona redescobrirem-se idênticos e transfigurados. As mobilidades espaciais, sejam através dos meios de transporte ou das viagens, permitem esse constante processo de reconfiguração da subjetividade, a partir do encontro com o outro. Trata-se de um deslocamento em que o indivíduo deslocado, seja em sua própria nação em um movimento centro-periferia, ou como estrangeiro, não apreende novos costumes, crenças e aspectos morais, mas, a partir da mescla, do contato entre culturas, forma uma nova. A característica principal dessa nova cultura é o hibridismo cultural, presente nos cidadãos que vivem entre duas culturas.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 2005, p. 88)

Na obra de Ángela Pradelli (2007), todos os personagens são exemplos dessa cultura híbrida, deslocando-se diariamente em um percurso centro-periferia. Porém, em alguns deles esse processo de hibridez é maior, pois eles contêm em si aspecto de um deslocamento migratório transnacional, por consequência de uma migração realizada por necessidades econômicas ou políticas. Ao saírem de sua casa e viajarem até a Argentina, abandonam o país de origem, mas não abandonam a cultura “natal” em que estavam inseridos. Continuam o processo de deslocamento fusionando constantemente a cultura local com a cultura natal e, assim, seguem “o itinerário clássico do migrante é composto por lugares fixos: da “casa” para os países “anfitriões”, em uma série de deslocamentos consecutivos” (BRAIDOTTI, 2002, p. 2010).

Como Rosi Braidotti descreve, podemos observar esse processo de deslocamento na personagem Megumí (PRADELLI, 2007, p. 59), neta de Shoichi, um alfaiate japonês chamado a integrar o exército na Segunda Guerra Mundial. Durante a guerra, ele foi enviado à China e lá permaneceu escondido na selva, durante vinte e oito anos, por não saber sobre o fim do conflito. Quando foi notificado de que participaria da guerra e antes de ser enviado a outra nação, Shoichi pediu aos seus sogros que migrassem para a América com sua esposa grávida. Mais de vinte anos depois, ao ser encontrado por pescadores, o japonês voltou para seu país natal e descobriu que sua esposa havia morrido na Argentina. Porém, ele tinha uma filha. Ela foi visitá-lo, e como estava grávida, deu a luz à menina – Megumí – no Japão e depois retornou a Buenos Aires com a filha.

Trinta anos depois, a neta de Shoichi vive ainda em Buenos Aires e trabalha em uma agência de turismo, mas sua atividade destacada no romance é a de leitora voluntária. O contato de Megumí com sua “cultura natal” não foi completamente apagado e nem mesmo trocado pela cultura da nação em que se encontra territorialmente. Ela mantém os vínculos com seu lugar de origem e suas tradições, contudo sem que tal vínculo demande um retorno ao passado, o que acontece é transfiguração de sua identidade e a criação da nova cultura. Megumí carrega em si os traços das duas culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. É, portanto, um ser traduzido da con-

temporaneidade, consciente de sua multiplicidade de pertencimentos: “*El día anterior Megumí le había leído también [al joven] algunas poesías de autores japoneses y un puñado de poemas de Joaquín Giannuzzi*” (PRADELLI, 2007, p. 122).

A personagem América Lévano também é uma migrante marcada pelo deslocamento entre nações. Viajou do Peru com sua filha, Sonia, até a Argentina e a princípio morou em uma pensão de mulheres, onde havia, em sua grande maioria, peruanas e bolivianas. Mesmo depois de conseguir emprego limpando e organizando uma casa, cuja dona permitiu que ela e a filha morassem, não deixou de ir visitar as mulheres da pensão das quais se tornou amiga. Elas estavam em situação semelhante a que América vivia: deslocadas de seu país natal com o ideal de encontrar uma vida melhor, acabavam morando em pensões lotadas e conseguiam empregos geralmente braçais e de baixa remuneração.

Essas transformações causadas pelo deslocamento reestruturam as identidades desses indivíduos uma vez que as diferenças sociais e políticas de uma nação a outra se misturam. Assim, uma pessoa não mantém em supremacia a cultura de sua nação natal sob a cultura de destino, pois está inserida num novo espaço cultural, no qual as duas culturas se fundem. Por tal motivo, Toro (2010, p. 12) assevera que a característica básica do sujeito migrante é sua hibridez e que, portanto, é impossível o retorno à cultura de origem: “*Esta cultura y literatura también apunta a la imposibilidad de adscribimos a un regreso, a un origen imaginario: [porque] para empezar, nunca hubo un origen*”.

O polonês Josef Wroblewski, conhecido pelos motoristas das Kombis como “el polaco” (PRADELLI, 2007, p. 130) migrou para a Argentina quando era criança e perdeu-se de seu irmão ao chegar no porto. Aos setenta e quatro anos, uma vez por semana, ele viaja até Buenos Aires para procurar seu irmão e assim, poder voltar com ele para a Polônia: “*No deseaba otra cosa: volver con su Hermano a Polonia y visitar juntos la tumba de sus padres. Y morir los dos allá*” (PRADELLI, 2007, p. 131). Josef é um personagem chave para a análise da narrativa de Ángela Pradelli por apresentar características sustentadoras da transformação do conceito de não lugar em lugar atribuídos aos espaços da narrativa. A partir de uma visão mais ampla, a busca pelo seu irmão em Buenos Aires, aproxima a cidade ao conceito de não lugar, já que o seu maior desejo é o de retornar ao seu país e não de permanecer no país em que se encontra. Contudo, enquanto passageiro da Kombi, Buenos Aires é a sua meta e enquanto não encontra seu irmão, as localidades que já bem co-

nhece e por onde caminha todas as semanas é o seu objetivo, tornando-se assim para ele um lugar. “*Caminaba por Constitución, por Palermo, por Barracas, por Belgrano y después se volvía para Témperley. Y a la semana siguiente otra vez, caminar y buscar a su hermano*” (PRADELLI, 2007, p. 130).

Ainda é possível verificar claramente no polonês a mescla de culturas e reconfiguração sofrida em sua identidade, quando começa a contar histórias de seu passado durante o trajeto da Kombi:

A Josef le gustaba contar historias, pero nadie las entendía porque empezaba contándolas en un español mezclado con algo de polaco que lo hacía sonar seco. A medida que avanza en la historia, pasaba del español al polaco sin darse cuenta y ya no podía volver al español. Terminaba siempre contando en polaco y llorando y nadie entendía lo que decía. (PRADELLI, 2007, p. 131)

O ato de contar histórias na Kombi pode ser compreendido como um desejo de tentar fugir do conceito de civilidade inerente aos não lugares e a busca por uma interação (negada aos não lugares). Isso porque Josef contava histórias pessoais de quando vivia na Polônia com seus pais e seu irmão. Porém, essa tentativa de quebrar a regra da comunicação superficial e breve se desconstruía pelo uso da língua polonesa – incompreensível para todos na Kombi – e que não fora destituída de sua identidade:

Lo que nadie sabía ahí, entre los pasajeros de la combi, era por qué lloraba el polaco. Porque tiene una vida triste, decía Megumí. Por su hermano que nunca apareció, decía Bruno. Debe de llorar por la guerra, decía Leyla. Olga pensaba que Josef lloraba por Polonia. Otros creían que lloraba porque al hablar siempre perdía las palabras o porque las recuperaba en polaco. Lo que Josef contaba mientras hablaba en polaco y lloraba eran historias de sus padres y de su hermano, historias de cuando vivía en Polonia, pero nadie ahí en la combi ni en ningún lado podía entender esos relatos. (PRADELLI, 2007, p. 132)

Nesses personagens, a mescla das características intrínsecas da cultura de sua nação com a do território em que interagem faz surgir uma “terceira cultura” que se constrói no interstício, no entrelugar provenientes dos espaços de movência. Dessa forma, o indivíduo deslocado recompõe sua estrutura identitária não apenas pelas mudanças territoriais, mas também pelas práticas sociais adquiridas nesse entrelugar. A partir dessa concepção, na pós-modernidade, não se pode conceber uma identidade nacional, pois essa é desfragmentada mediante a própria desfragmentação da identidade dos indivíduos. Assim sendo, Hall (2006, p. 61-62) propõe que na contemporaneidade se pense nas culturas nacionais

não mais como uma identidade cultural unificada, mas internamente fragmentadas pelas diferenças:

Deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural.

Desse modo, percebemos que os passageiros da Kombi são sujeitos contemporâneos, que desterritorializados ou não pertencem à cultura híbrida da Pós-modernidade e, portanto, são portadores de identidades móveis, já que os contínuos deslocamentos externos requerem também deslocamentos internos e, conseqüentemente as (re)negociações identitárias.

4. Chegando a um lugar

Nos capítulos finais da narrativa, o clima de tensão presente desde o início da viagem causado pela notícia de uma manifestação na ponte Pueyredón e seu total fechamento pelos manifestantes atingiu o nível máximo com a parada abrupta da Kombi, próximo ao local das manifestações. Essa parada iniciou o processo de transformação da Kombi em não lugar para um lugar: “O lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (BAUMAN, 1999, p. 74). No romance, a reconfiguração da Kombi no aspecto espacial ocorre com a interrupção do percurso e a perda do caráter “provisório” característico de um meio de transporte. Encurralados em um engarrafamento causado pelo fechamento da ponte, com um grupo de manifestantes de um lado, gritando palavras de ordens e a polícia do outro, tentando deter os manifestantes e, conseqüentemente, com riscos de perigo fora do espaço em que estão estabelecidos, os passageiros transformam a Kombi em um lugar em que as práticas sociais se reestabelecem.

A tensão provoca, na maioria dos passageiros, a escolha de permanecer na Kombi, naquele espaço revertido agora de significado: um lugar seguro. As relações sociais mascaradas e solitárias de outrora, transformaram-se em pensamentos coletivos:

– Tenemos que volvernos – dice Olga. Esto es un peligro.

– Bajemos – dice Ivo – ¿Qué nos vamos a quedar haciendo arriba de esta combi?

- No tendríamos que haber dejado que Josef bajara—dice Bruno.
- Hay que ir a buscarlo – insiste Megumi. (PRADELLI, 2007, p. 283-4)

As manifestações de preocupação com o bem coletivo e com o outro revela características do espaço antropológico, da libertação de uma identidade escondida pela tensão solitária do não lugar. O vínculo entre os passageiros foi transformado de modo a manter todos na Kombi para pensarem em uma decisão coletiva; embora Esteban, o motorista e Josef, o polônês houvessem descido do transporte, causando certa inquietação aos que ficaram.

A Kombi se define como um lugar quando se detém no engarrafamento causado pelo fechamento da ponte. O veículo é rodeado pelos manifestantes que, com o rosto coberto por lenços para não serem identificados, intimidam aos que estão dentro. Nesse momento, os manifestantes tocam na Kombi e os passageiros sentem-se mais intimidados ainda: “*Cuando rodean a la combi, dos o tres pegan sus caras a las ventillas y clavan sus ojos en los pasajeros. Un piquetero da tres golpes con la palma abierta en el vidrio de la ventanilla de Pina*” (PRADELLI, 2007, p. 282). Essa situação transforma a Kombi de um simples meio de transporte em um lugar relacional, identitário e também histórico.

A rádio, sintonizada durante todo o percurso do caminho de Adrogué até Buenos, informava sobre a situação da manifestação e o possível fechamento da ponte. Na narrativa, uma das últimas informações noticiadas pela rádio foi: “*Una jornada difícil para quienes quieran transitar libremente, dijo la radio, una medida que paralizará a la sociedad*” (PRADELLI, 2007, p. 276). A declaração final feita pelo radialista sustenta a mudança espacial da Kombi de não lugar para lugar. O objetivo do meio de transporte era estar em passagem, livremente, sem interrupções em seu trajeto, sem muito tempo de permanência nas paradas e sem atraso. Porém, as informações ao longo do trajeto sobre o fechamento da ponte e a parada da Kombi fazem surgir um conjunto de relações interpessoais entre os passageiros e entre os passageiros e o espaço no qual se locomovem, a Kombi. Os passageiros rompem com o conceito de civilidade e característico dos não lugares. Com isso, o deslocamento externo do meio de transporte pela cidade cosmopolita de Buenos Aires e o deslocamento interno dos passageiros ao longo do trajeto culmina na reconfiguração identitária de cada passageiro e na desconstrução de um não lugar para um lugar.

5. Conclusão

A obra de Ángela Pradelli, *Combi* (2007), expõe características da sociedade pós-moderna no espaço urbano cosmopolita através do fenômeno da globalização e suas consequências nas relações sociais e na relação entre um indivíduo e o espaço em que está inserido. O foco da narrativa é o deslocamento de Adrogué a Buenos Aires e a possível interrupção da viagem por causa do fechamento da ponte pelos manifestantes. Nesse trajeto, a Kombi, o não lugar, é o espaço da espetacularização, no qual os passageiros não interagem nem com o espaço e nem com os demais viajantes. Eles apenas observam as pessoas e a paisagem ao seu redor como se fizessem parte de um espetáculo, sem que nenhum deles lhes importe realmente.

Contudo, ao longo do trajeto, com a tensão gerada pela possível interrupção do trajeto e a possibilidade de não chegar ao destino final, rompe-se gradualmente a civilidade, característica do não lugar e as transformações relacionais puderam ser vistas no espaço da narrativa, a Kombi. Essa, por sua vez, também sofreu transformações e adquiriu um novo significado relacional, identitário e histórico. Passa assim de um não lugar para um lugar.

A transfiguração sofrida pela Kombi de não lugar a lugar, alterou a maneira de os passageiros se inter-relacionarem com esse espaço: até então eram meras testemunhas do não lugar, passantes destituídos de obrigatoriedade de relações e tornaram-se atores da vida, operadores do pensamento coletivo.

Desse modo, Ángela Pradelli relaciona os deslocamentos externos da sociedade contemporânea aos deslocamentos internos e assinala que no romance a ressignificação do espaço leva também à reconstrução da identidade dos passageiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos lugares. In: _____. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad.: Maria Lucia Pereira. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2007, p. 71-105.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad.: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Espaço/tempo. In: _____. *Modernidade líquida*. Trad.: Plínio Denzian. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 107-47.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividades nômades. *Labrys. Estudos Feministas*. Brasília: UnB, num.1-2, junho-dezembro 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>. Acesso em: 25-03-2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PRADELLI, Angela. *Combi*. Buenos Aires: Emecé/Cruz del Sur, 2007.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío. Revista Electrónica de Literatura Comparada*, Universitat de València, n. 5, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 05-08-2012.